

APONTAMENTOS SOBRE HIPNOSE E A LÓGICA DE MERCADO

Carlos Eduardo Soares Reis¹ 

RESUMO

As modificações no mundo do trabalho, guiadas por princípios capitalistas neoliberais, acarretam mudanças nas subjetividades que tentam, a todo custo, adequar-se às demandas exigidas pelo mercado. A intensa competitividade e busca desenfreada pelo lucro somada aos imperativos de flexibilidade e *performance* aumentam a necessidade de explorar áreas laborais emergentes como, por exemplo, o campo das práticas terapêuticas. Assim, o presente ensaio, por meio de uma discussão teórica sobre as transformações do trabalho ao longo do tempo e uma breve descrição da história da hipnose, aponta como os princípios da lógica de mercado podem capturar a hipnoterapia, aproveitando-se da sua não regulamentação em território nacional para tentar torná-la um mero negócio lucrativo que privilegia seu lado instrumental e que não parece se preocupar com questões éticas importantes, como a qualidade das formações e a prudência quanto às promessas veiculadas acerca do tratamento. Tais apontamentos servem de reflexão para os interessados na medida em que a lógica cega do mercado e hipnoterapia pode ser um encontro perigoso para seu avanço e consolidação como prática de valor e não apenas de preço.

Palavras-chave: Subjetividade, Capitalismo, Hipnose, Hipnoterapia, Ética.

NOTES ON HYPNOSIS AND MARKET LOGIC

ABSTRACT

Changes in the world of work, guided by neoliberal capitalist principles, lead to changes in subjectivities that try, at all costs, to adapt to the demands demanded by the market. The intense competition and unbridled pursuit of profit, added to the imperatives of flexibility and performance, increase the need to explore emerging work areas such as, for example, the field of therapeutic practices. Thus, the present essay, through a theoretical discussion about the transformations of work over time and a brief description of the history of hypnosis, points out how the principles of market logic can capture hypnotherapy, taking advantage of its non-regulation. in national territory to try to make it a mere profitable business that privileges its instrumental side and that does not seem to be concerned with important ethical issues, such as the quality of training and prudence regarding the promises made about the treatment. Such notes serve as a reflection for those interested in that the blind logic of the market and hypnotherapy can be a dangerous encounter for its advancement and consolidation as a practice of value and not just of price.

Keywords: Subjectivity, Capitalism, Hypnosis, Hypnotherapy, Ethics.

¹ Universidade de Brasília

Autor Correspondente: Carlos Eduardo Soares Reis
E-mail: reis_phb@hotmail.com

Recebido em 02 de Julho de 2021 | Aceito em 27 de Outubro de 2022.

APUNTES SOBRE HIPNOSIS Y LÓGICA DE MERCADO

RESUMEN

Los cambios en el mundo del trabajo, guiados por los principios del capitalismo neoliberal, conducen a cambios en las subjetividades que tratan a toda costa de adaptarse a las demandas requeridas. En la intensa competencia y la búsqueda desenfrenada de ganancias, sumado a los imperativos de flexibilidad y rendimiento, existe una creciente necesidad de explorar nuevas partes del mercado, como el campo de las prácticas terapéuticas. Así, el presente trabajo pretende discutir, específicamente, cómo la hipnosis ha sido involucrada por la lógica del mercado cuyo foco es potenciar estrategias rentables, y señalar cómo ese énfasis excesivo debilita importantes reflexiones éticas en la práctica de la hipnoterapia.

Palabras clave: Subjetividad, Capitalismo, Hipnosis.

1. INTRODUÇÃO

Nossa época líquida pede somente um requisito [...]:

que sejamos especialistas em flexibilidade.

(Bauman & Leoncini, 2018, p. 87).

Nos estudos concernentes ao trabalho, nota-se que a flexibilidade é uma “capacidade” apontada como fundamental no rol de habilidades do trabalhador contemporâneo, embora ela seja um elemento que diz mais sobre a conjuntura do mercado do que sobre o indivíduo propriamente dito. Isso porque a flexibilidade é um dos efeitos das transformações que vem ocorrendo ao longo do tempo no mundo do trabalho e que, cada vez mais, se alastra e consome parcela considerável de nossas vidas. Nesse *laborcentrismo*, o trabalho influencia na direção que tomamos cotidianamente, na relação com o tempo e com as pessoas, no lugar que vivemos e na nossa identidade.

A definição de trabalho não é precisa. Etimologicamente origina de *tripalium*, uma antiga máquina de tortura. Não seria exagero dizer que para muitas pessoas esse significado continua valendo visto que o trabalho pode ser fonte de sofrimento. Como assinala Dejours (2012), o trabalho não se restringe à relação empregatícia ou salarial e se encontra, fundamentalmente, no ato de trabalhar, na ação complexa entre aquilo que *deve* ser feito (prescrito) e aquilo que *pode* ser feito (real). Assim, “Trabalhar é vencer, preencher o hiato entre o prescrito e o efetivo” (Dejours, 2012, p. 25).

O mesmo autor ainda afirma que o trabalhador experimenta o impacto da distinção entre o real e o prescrito como *fracasso*, o que corrobora a ideia de trabalho como uma experiência que gera sofrimento, embora tal sofrimento seja capaz de mobilizar a inventividade humana rumo à solução do problema e ao consequente desenvolvimento da subjetividade (Dejours, 2012). Tal desenvolvimento é perceptível na diferença entre o aprendiz e o trabalhador experiente que já conhece os atalhos e as respostas dos enigmas diários demandados pelo trabalho, enquanto o primeiro ainda está atônito e perdido em meio aos protocolos.

Nesses termos, não se pode negar que o trabalho é um pilar importante na existência, seja ele remunerado ou não. Trabalhar preenche o tempo, provoca uma sensação de utilidade e de engrandecimento de si. Todavia, sua importância se elevou tanto na nossa sociedade que é comum ele ser culpabilizado como usurpador de momentos importantes da vida. Percebendo essa centralidade, Enriquez (2014) se pergunta se o trabalho é a essência da pessoa. Segundo ele, a resposta é negativa, pois na vida existem outros elementos que nutrem essa essência como: linguagem, amor, amizade, religião, festa etc.

No entanto, se a existência precede a essência, como afirma Sartre (1970), grande parte daquela está inscrita no trabalho, não à toa ela necessita do trabalho para a nutrição de si mesma e sua respectiva continuidade no tempo. A grande questão é que essa existência se encontra fortemente abalada na relação com o trabalho devido às mudanças de natureza e estrutura deste último. Especificamente, em termos de trabalho remunerado, seu espaço passou das imóveis fábricas da revolução industrial do século XVIII para as empresas organizadas em redes móveis e fluidas do século XXI; deixou de ser uma atividade de longo prazo e se tornou um empreendimento fugaz de curto prazo; de atividade concreta preenchida de sentido para algo abstrato e esvaziado de sentido (Bauman, 2001).

À medida que essas mudanças se instalam o trabalhador também é transformado e as premissas do novo capitalismo atingem, direta ou indiretamente, os valores do indivíduo contemporâneo. A flexibilidade, a individualidade, a incerteza e a instabilidade que regem o mundo do trabalho impactam no caráter que é, paulatinamente, “corroído” (Sennett, 1999). Portanto, a “mão invisível” do mercado é capaz de moldar a subjetividade de acordo com seus interesses cujas premissas estão ligadas aos avanços da doutrina neoliberal que rege o cotidiano.

É nessa capacidade de fabricação que emerge a criação de verdadeiros mercados *psi*, que nada mais são que sinais das necessidades impostas pelos valores do capitalismo neoliberal que seduzem psicólogos, psiquiatras, psicanalistas e terapeutas de todos os tipos a assumirem uma nova postura frente a uma nova época (uma época de flexibilidade). Desde cursos e mentorias que objetivam lotar a agenda até intervenções que prometem sanar definitivamente sofrimentos ou potencializar capacidades adormecidas em pouco tempo, o mercado das terapias ganha forma e conteúdo e, com ajuda do *marketing* e da publicidade, atrai olhares curiosos e interessados nessa parcela promissora do mercado de trabalho.

Percebendo esse movimento, o presente ensaio visa discutir o lugar da hipnose nesse mercado, pois o fato dela não ser regulamentada no Brasil tem atraído nos últimos anos a atenção de muitas pessoas que almejam serem terapeutas e, a nosso ver, o que subjaz nas entrelinhas desse interesse é a facilidade de torná-la produto consumível e altamente lucrativo para as frágeis vidas contemporâneas que estão no epicentro de sofrimentos diversos. Pistas que ratificam essa afirmação se mostram nas várias propagandas sensacionalistas – “*acabando com a gagueira em 20 minutos!*” – que se aproveitam de antigos mitos entorno da prática e do desespero de pessoas que buscam solução para seus problemas. Nesse sentido, apontaremos como as transformações no mundo do trabalho e a lógica de mercado que a sustenta podem capturar a hipnose como mero instrumento complementar voltado para o lucro desenfreado e sem critérios, que resulta no esquecimento de questões éticas importantes que atravessam sua aprendizagem e o exercício.

2. TRANSFORMAÇÕES NO TRABALHO E A LÓGICA DE MERCADO

Com a revolução industrial o trabalho teve modificações expressivas, deixando de ser uma atividade familiar de baixa produção para uma grande massa de trabalhadores que produzem em larga escala. Como escreve Bauman (2001, p. 179) “ao descobrir que o trabalho era fonte de riqueza, a razão tinha que buscar, utilizar e explorar essa fonte de modo mais eficiente que nunca”.

O advento da razão, capitaneada pelas ideias iluministas, caminhou lado a lado com os aperfeiçoamentos da produtividade. Como demonstra Peyon (2019), a perspectiva utilitarista de Stuart Mill guiou a gestão do trabalho e impulsionou as ideias de Henry Ford e de Frederic Taylor sobre o aprimoramento da força produtiva do trabalhador à custa de outras necessidades. A esteira de Ford e as métricas de tempo e movimento de Taylor propiciaram uma guinada nas fabricações, contudo o trabalhador se distanciava daquilo que produzia, perdendo a autoria sobre o artefato e deixando seu trabalho à mercê da execução padronizada e especializada.

Tal mudança é exemplificada por Sennett (1999) nas entrevistas com padeiros de Boston. Em determinada época, esses trabalhadores faziam o pão manualmente, em condições árduas, mas com autoria, identidade e valores familiares que transcendiam o ganho monetário. Vinte anos depois, os padeiros manuseavam máquinas em melhores condições de temperatura e iluminação, eram supervisionados e produziam em larga escala, mas a maioria não se sentia satisfeita, não se identificavam como padeiros e diziam estar qualificados apenas para “apertar os botões da máquina”.

Situações como a relatada por Sennett (1999) esboçam as características do trabalho contemporâneo ancoradas na flexibilidade, tecnização e alienação. O que impera na organização do trabalho no século XXI, segundo Araújo e Morais (2017), são as concepções toyotistas de trabalho que priorizam a eficácia, técnicas de gestão, vínculos empregatícios frágeis e de curto prazo, e uma produção dinâmica e em larga escala para atender a volatilidade das demandas do consumidor. O que antes era um casamento duradouro entre o capitalista e o operário, em que poderia acontecer a barganha e as negociações dos sindicatos, tornou-se uma coabitação onde as incertezas imperam (Bauman, 2001).

As incertezas caminham de mãos dadas com a fluidez que operam as novas organizações em sua busca incessante por diminuir os vínculos empregatícios e romper com qualquer expectativa de união entre os trabalhadores. O medo de demissão afugenta qualquer ação que pareça uma afronta à dinâmica empresarial. Nesse sentido Peyon (2019) afirma que a flexibilidade do trabalho foi favorecida pela fragilização dos sindicatos, pelo avanço da tecnologia e pelas crises econômicas. Quando o trabalho temporário é a realidade, “o emprego parece um acampamento que se visita por alguns dias e que se pode abandonar a qualquer momento” (Bauman, 2001, p. 187), facilitando o afrouxamento dos laços de solidariedade e amizade.

Com a possibilidade de abandono sempre à espreita, os trabalhadores ficam expostos ao trabalho precário que se alastra na forma de terceirização, empregos intermitentes, parciais e informais. “Os trabalhadores transformam-se em seres descartáveis, que podem ser substituídos a qualquer momento e sem garantia alguma de retorno quando não atendem ao ritmo do processo produtivo que lhes é exigido” (Araújo & Morais, 2017, p. 5).

No mundo globalizado do trabalho onde o capital pode transitar para além das fronteiras, a consciência que somos seres perecíveis funciona como um mecanismo primitivo de proteção, semelhante ao medo ou à ansiedade, que nos lembra que é preciso se esforçar ao limite para não perder o (des)lugar no mercado. É nesse sentido que o trabalho pós-moderno alimenta uma vida exposta a penúrias e, somado ao gradativo enfraquecimento da fé, reagimos a ela com mais atividade e produtividade – pelo menos até a exaustão acontecer (Han, 2017).

Essa reação é um dos grandes diferenciais do novo capitalismo. Enquanto no passado das grandes fábricas existia uma figura maior contra quem lutar, agora “somos ao mesmo tempo prisioneiro e vigia, vítima e agressor” (Han, 2017, p. 46). A lógica do mercado foi internalizada; o grande patrão, o chefe, a figura de hierarquia superior foi introjetada e, paulatinamente, transformamos nossa existência numa grande empresa.

As narrativas neoliberais invadem sub-repticiamente a existência e, com mensagens subliminares que ecoam em nossas mentes, aos poucos se tornam hábitos. Fazer listas, estabelecer metas, não procrastinar, ter foco, ser calculista, empreender... são alguns exemplos. “O sujeito de desempenho esgotado, depressivo, está, de certo modo, desgastado consigo mesmo. Está cansado, esgotado de si mesmo, de lutar consigo mesmo (Han, 2017, p. 91).

A batalha interna é decorrente, como diz Safatle (2021), de um *design* psicológico que se forma por meio da repetição constante de imperativos morais. Uma zona cinzenta se formou com a fusão do discurso econômico com o discurso terapêutico/psicológico, que remonta aos estudos de Elton Mayo sobre as relações

humanas na indústria que, embora fosse uma tentativa de “humanizar” o modelo de produção imposto, foi “fagocitado” pelos padrões de gerenciamento. Nas palavras do autor:

Como sabemos, a generalização da forma-empresa no interior do corpo social abriu as portas para os indivíduos se autocompreenderem como “empresários de si mesmos” que definem a racionalidade de suas ações a partir da lógica de investimentos e retorno de “capitais” e que compreendem seus afetos como objetos de um trabalho sobre si tendo em vista a produção de “inteligência emocional” e otimização de suas competências afetivas (Safatle, 2021, p. 23).

É nesse quadro que o sujeito neoliberal se torna um projeto inacabado, sempre alargando sua qualidade e nunca chegando a um platô satisfatório, como alguém que corre rumo ao horizonte na tentativa vã de alcançá-lo. Assim, o sujeito cai numa espiral cuja lógica é a auto-exploração, a despolitização e a psicologização de sua situação (Pavón-Cuéllar, 2017). Não à toa comumente vemos veiculado na mídia histórias de pessoas que superaram as amargas condições contextuais de suas vidas e alcançaram um melhor patamar de classe. O que está por trás disso? Será a ideia tácita de que não importa o contexto político e econômico do país, mas sim as capacidades psicológicas do indivíduo que o permitiram se “esforçar” enquanto os outros “reclamavam” das condições?

Esse é o fio condutor que guia a ética do mérito: o sujeito precisa romper com todas as barreiras e ser capaz de fazer girar a roda do capital, como se tudo dependesse de suas aptidões. Lança-se a responsabilidade sobre o indivíduo e se retira a responsabilidade do Estado. Internalizando essa ideia é que o sujeito precisa se vender da melhor maneira possível, independentemente de como o faz. Como escreve Pavón-Cuéllar (2017, p. 602): “seu esforço está concentrado em fazer publicidade”.

O slogan “quem não é visto não é lembrado” move o esforço do trabalhador “autônomo” contemporâneo que ganha com base no que produz e depende da publicidade para ampliar o alcance do seu serviço. O contexto atual ampara o movimento do *marketing* e da publicidade porque estamos envolvidos na cultura do empreendedorismo (“trabalhem enquanto eles dormem”) e na sociedade do espetáculo (Debord, 2003) onde a imagem é supervalorizada e o esforço extenuante é aplaudido.

A *glamourização* do esforço é a cereja do bolo: publica-se uma foto trabalhando e, em seguida, uma se divertindo para mostrar que o esforço vale à pena. Essa é a realidade de muitos psicólogos, dentistas, fisioterapeutas e outros profissionais que estão no mercado de trabalho e encontram nas ferramentas do *Instagram* a chance de expandir o alcance dos seus serviços. Para tanto é preciso se submeter a uma série de regras que geram “engajamento”, estar conectado constantemente, alimentar a rede social, interagir com os seguidores, usar *hashtags*, compartilhar a vida privada, ou seja, trabalhar indiretamente para o *Instagram*. Estar à mercê dos algoritmos faz com que o perfil alcance um público que pode, enfim, tornar-se clientela.

No campo da saúde mental esse movimento desenvolve, como diz Benelli (2009), um arquipélago de práticas que vão criando uma cultura psicológica, com novas formas de sociabilidade e de reconhecimento:

O que se visa na cultura psicológica não seria a prevenção nem a cura das disfunções, mas o autodesenvolvimento psicológico interminável do indivíduo. O mundo e a vida passam a ser compreendidos e interpretados como algo psicologicamente administrável e transformável, em um processo de psicologização crescente da totalidade da existência humana (Benelli, 2009, p. 516).

A crescente presença do vocabulário psicológico no cotidiano das pessoas, os diagnósticos psicopatológicos como formas de identificação de si (“eu sou depressivo”, “eu sou ansioso...”), as dicas dos especialistas *psi* quanto às formas de lidar com as adversidades e a apologia à psicoterapia são elementos que fazem parte dessa cultura que, ao cabo, mistura-se com a cultura do consumo e tem como produto a mercantilização da saúde mental e a briga acirrada pela captação de novos pacientes.

Diante disso, não é preciso estar “mal” para buscar ajuda. Pelo contrário, é melhor buscar ajuda antes mesmo de algo ruim acontecer para, assim, prevenir males futuros. Então, a pergunta marqueteira seria: por que não potencializar aquilo que já é bom em você? Afinal, todos precisam de psicoterapia, não é mesmo? Apesar de a prevenção ser uma boa estratégia e a psicoterapia poder ser boa para muitos (mas não necessariamente para todos), esse tipo de narrativa redefine a normalidade como uma condição fluida que requer investimento interminável no seu cuidado. “A normalidade não é um estado definido, mas uma situação na qual sempre se pode intervir, buscando seu desenvolvimento e aprimoramento” (Benneli, 2009, p. 518).

A apologia ao desenvolvimento pessoal e ao auto-aprimoramento são velhas conhecidas do discurso empresarial que servem para aumentar a capacidade produtiva dos “colaboradores”. São táticas latentes que estimulam os interlocutores à vigilância constante sobre sua capacidade de resposta às demandas impostas ao mesmo tempo em que geram um sentimento de inadequação pessoal.

Desenvolver talentos e potenciais, possuir *soft skills*, inteligência emocional e visão de futuro não são apenas sinais da renovação dos parâmetros de demanda ou de concorrência, mas uma forma de vida na qual a gestão governa todas as pequenas decisões e hábitos de alguém, da sua forma de vestir ao modo como se alimenta (Dunker et al., 2019, p. 242)

Essa gestão não se restringe aos grandes empresários e administradores. Ela está contida no nosso microcosmo, dos “tweets”¹ de poucos caracteres ao jornalismo das grandes mídias. Se pensarmos que alguns profissionais de saúde mental (como psicanalistas e psicólogos) trabalham eminentemente com a *palavra*, eles podem ser potenciais gestores de subjetividades; ainda mais quando, num mundo acelerado e focalizado no resultado, a reflexão e o estudo cuidadoso – que demanda tempo indeterminado – são tragados pela pressa de alcançar os louros da vitória.

Em face dessas discussões e considerando que “a estrutura neoliberal do capitalismo contemporâneo possui a capacidade de transformar em mercadoria seu mais arrojado crítico, cooptando as diferenças e reduzindo-as a objetos de consumo (...)” (Peyon, 2019, p. 87-88), observa-se que a hipnose é capturada pelos propósitos do mercado como mais uma terapêutica que emerge no crescente arquipélago contemporâneo de práticas interventivas em saúde mental, muitas vezes, sem qualquer reflexão ética. Mas antes de comentarmos esse ponto, abordaremos um breve panorama teórico sobre a hipnose.

3. HIPNOSE: ENTRE O ESQUECIMENTO E O RESGATE

A hipnose como ferramenta terapêutica para intervenções no campo da saúde foi, durante muito tempo, lançada no esquecimento. Quando surge no imaginário popular ela está atrelada às apresentações jocosas que divertiam plateias com o constrangimento das pessoas hipnotizadas ou, ainda, à atividade desprovida de estudos científicos relegada aos vigaristas e charlatões.

Por um lado, o esquecimento da hipnose pelo campo da saúde e, por outro, os preconceitos de parcela da população, não são fenômenos desprovidos de justificativa. A história da hipnose fornece pistas que ajudam a compreender esse cenário e, a partir disso, elencaremos alguns pontos que explicam como a prática em questão transitou do esquecimento para um crescente interesse nas últimas duas décadas.

O primeiro ponto digno de evidência é sua origem, na França do século XVIII, com o *magnetismo animal* de Franz Anton Mesmer. A tese central do magnetismo animal defendia a existência de um fluido que poderia ser usado para fins terapêuticos. Embora esse fluido não fosse visível, a ideia atraía pessoas com sofrimentos

¹ Publicação na rede social *Twitter* restrita a 280 caracteres. Apesar de mensagens curtas, essa rede é mundialmente conhecida por divulgar notícias inéditas e também por ser usada como ferramenta para reivindicações e protestos de vários tipos.

diversos e alcançava bons resultados. O procedimento consistia nos pacientes segurarem o extremo de uma corda cuja outra ponta estava mergulhada em água magnetizada dentro de uma estrutura chamada *baquet*, na qual:

O magnetizador, semelhante a um maestro de orquestra, poderia usar um pequeno bastão de ferro a fim de conduzir com mais precisão a transmissão do fluido. Em meio a tal processo, alguns pacientes poderiam desenvolver crises semelhantes a convulsões que eram consideradas como prenúncio de cura. Sendo executado com frequência e por meses a fio, tal processo permitiria o restabelecimento da economia magnética do organismo, resultando na cura de diversos tipos de patologia (Neubern, 2007, p. 349).

Não tardou para a descoberta de Mesmer chamar atenção da comunidade médica, sobretudo porque o seu fazer avançava na direção oposta do paradigma científico que envolvia a medicina. Se as intervenções de seus pares se caracterizavam pela objetividade, racionalidade e concretude, o mesmerismo tinha como traços marcantes a valorização da subjetividade, a aproximação do magnetizador com os pacientes e o caráter abstrato na crença do fluido animal, o que provocava desconfiança e a desvalorização (Neubern, 2007).

A discrepância entre as práticas descritas somada ao contexto da época, serviu para que as descobertas de Mesmer fossem julgadas por duas comissões científicas formadas a mando do rei Luís XVI. Contudo, os julgamentos de tais comissões, longe de se basearem apenas em questões metodológicas, foram um tanto tendenciosos e influenciados por instituições poderosas, o que resultou no parecer desfavorável à prática, enfatizando-a como fruto de mera imaginação, moralmente aversiva e de pouca seriedade (Neubern, 2007).

A história do mesmerismo é muito mais complexa e rica². Para nosso interesse, apenas é preciso saber que a hipnose é herdeira das contribuições desse movimento que foi atravessado por grande controvérsia e marginalidade. Penso que, não à toa, os fenômenos hipnóticos começaram a aparecer em circos ou em apresentações informais que não tinham pretensão de galgar espaços sociais importantes ou provar alguma seriedade. Como alguém que não pode chamar atenção, tais fenômenos permaneceram na penumbra e seu mistério foi suavizado pelos risos das apresentações na qual eles se restringiam.

Outra mácula que vale ser comentada e que é muito popular nos cursos de psicologia é o argumento do abandono da hipnose por Freud. De fato, ele deixou a hipnose de lado, mas não por mero capricho ou por considerá-la imprestável, e sim por questões epistemológicas e metodológicas que não permitia a hipnose se igualar aos outros métodos científicos em termos de confiabilidade e fidedignidade, pois as lembranças e mudanças evocadas pelo processo hipnótico eram sempre colocadas em dúvida pelo problema da complacência, ou seja, a tendência do paciente se comportar de certa maneira apenas agradar os desejos do seu médico (Neubern, 2006).

Com esse problema em mãos, a hipnose se tornou um desserviço na medida em que não revela nada sobre a realidade psíquica, mas a contamina à proporção que o terapeuta realiza as sugestões diretas. De acordo com Neubern (2004, p. 59):

Sendo assim, foi contra essa possibilidade sempre presente de complacência que a noção de inconsciente se desenvolveu e ganhou espaço, pois o inconsciente seria capaz de resistir à vontade de terceiros, aos comandos e desejos conscientes do sujeito e, assim, mostrar um verdadeiro jogo de forças autônomo que estaria subjacente à produção dos sintomas. É como se a noção de inconsciente possibilitasse, para a abordagem dos fenômenos psíquicos, uma legítima separação entre sujeito e objeto. O aparelho psíquico poderia, então, tornar-se uma espécie de laboratório capaz de revelar as realidades da alma humana e, ao mesmo tempo, assegurar um método superior em eficácia às abordagens sugestivas.

2

Para mais detalhes recomenda-se o trabalho de Figueiredo (2005) e Neubern (2007, 2008).

Então, pode-se perceber que o argumento do abandono por Freud tem outros pormenores que não se restringem a um problema de eficácia da técnica, embora essa cicatriz perdure até os dias atuais como justificativa para deslegitimar o uso da hipnose como se ela fosse uma terapêutica carente de cientificidade que não merece entrar nos portões da academia (Neubern, 2018). A ênfase na abdicação por parte do pai da psicanálise faz com que grandes nomes da hipnoterapia, como Milton Hyland Erickson (1901-1980), não sejam citados com frequência ou estudados com profundidade.

A fim de ultrapassar essa fronteira, é importante citar que no século XX, o psiquiatra norte-americano Milton H. Erickson foi o principal nome na atuação e inovação da hipnoterapia. Apesar de não ter criado uma escola de hipnose porque, originalmente, sua forma de atuar não seguia uma teoria previamente estabelecida, o seu legado foi sistematizado e atualizado por alunos e pesquisadores (Erickson, 1983; Haley, 1991; Erickson & Rossi, 1979; Neubern, 2002, 2012, 2018, 2021; Neubern & Nogueira, 2019).

A perspectiva de Erickson se destacou, principalmente, porque sua forma de conduzir a terapia hipnótica era diferente da hipnose clássica. Enquanto esta era caracterizada por comandos diretos e induções padronizadas, aquela se valia de sugestões indiretas, muitas vezes implícitas na forma de histórias, metáforas e trocadilhos (Haley, 1991). Nesses termos, costuma-se dizer que a mudança terapêutica na hipnose ericksoniana parte de dentro para fora e não de fora para dentro, como se costuma pensar quando o hipnoterapeuta indica o que, como e quando a pessoa deve mudar. “Em terapia, o paciente de fato faz a terapia, você só cria um clima favorável” (Erickson, 1983, p. 86).

Outra contribuição importante de Erickson foi seu *princípio da utilização* que, grosso modo, consiste em usufruir das próprias características da pessoa para auxiliar no processo de mudança. Ele acreditava que o inconsciente era dotado de sabedoria e que a história de vida, crenças, percepções e discursos da pessoa poderiam ser usados a seu favor. Certa vez, por exemplo, um paciente em surto psicótico afirmava ser Jesus Cristo. Ao invés de Erickson lutar contra tal delírio, interpelou o rapaz sobre sua profissão de carpinteiro e o inseriu num projeto de fabricação de estantes de madeira para livros a fim de canalizar sua energia para uma atividade produtiva (Haley, 1991).

Obviamente esse é um caso extremo de utilização, mas ilustra bem o princípio. O mais importante para nossas intenções é que a hipnose não se resume na figura do terapeuta com o pêndulo que se movimenta para lá e para cá. Embora isso possa ser utilizado, há outras maneiras de induzir a pessoa ao transe. Por transe, entende-se o estado de alteração das referências eu-mundo que permite uma abertura para o diálogo com processos inconscientes que possibilitam a emergência de mudanças terapêuticas (Neubern, 2020). Essa alteração ocorre no cotidiano naturalmente quando, por exemplo, assistimos a um bom filme e todo o entorno é momentaneamente esquecido ou quando realizamos um trajeto repetidamente e experienciamos um hiato entre a partida e a chegada ao destino, como se o percurso tivesse sido reduzido.

No contexto da hipnoterapia se induz o transe a fim de propiciar associações e evocar reconfigurações subjetivas benéficas ao sujeito. É importante frisar que, como toda relação humana, conduzir a pessoa ao transe é um ato de respeito. Naquele momento a pessoa pode entrar em contato com conteúdos que nem sempre foram explícitos ou vivenciar situações que, geralmente, a excessiva racionalidade escamoteia. Por isso, o vínculo é demasiado importante, assim como todo processo de indução e sugestão precisam ser condizentes com a complexidade daquela subjetividade (Neubern, 2018).

Atualmente a hipnose é reconhecida como uma valiosa intervenção terapêutica. Ela é aplicada, por exemplo, para o alívio e controle das dores crônicas (Jensen & Patterson, 2014; Neubern, 2018), em procedimentos odontológicos (Sánchez, et al. 2020), no tratamento da ansiedade (Bryant, 2008) etc. Conta-se com revistas científicas especializadas como *International Journal of Clinical and Experimental Hypnosis*, *American Journal of Clinical Hypnosis* e *La Revue de l'hipnose et de la Santé*.

No Brasil, a hipnose é aceita como tratamento complementar por diversos conselhos profissionais, como o de Psicologia (resolução nº 013/00), Medicina (parecer nº 2.172/97), Fisioterapia (Resolução nº 380/10), Odontologia (resolução nº 82/08) e Terapia Ocupacional (resolução nº 491/17), e também como uma das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS)³ do Sistema Único de Saúde (SUS).

4. A LÓGICA DE MERCADO E A HIPNOSE: UM ENCONTRO PERIGOSO?

Creio que podemos perceber a potencialidade que a hipnose carrega consigo, ao mesmo tempo em que ela demanda um estudo rigoroso daqueles que pretendem utilizá-la. O fato de ela ser uma terapia disponível no mercado contemporâneo para o auxílio de pessoas em sofrimento a coloca “(...) ora como objeto de consumo, ora como fórmula mágica a ser oferecida por algum terapeuta excêntrico” (Neubern, 2018, p. 13). Essa disponibilidade e a forma como ela é ofertada para a sociedade têm alguns agravantes que valem ser mencionados:

1. A hipnose não é uma prática regulamentada como é a psicologia ou a psiquiatria, o que faz seu exercício ser livre de fiscalização, deixando-a exposta a qualquer pessoa com as mais diversas intenções.
2. É de fácil apropriação - diferente do cuidado que as sociedades psicanalíticas têm com suas formações, por exemplo - pois não exige conhecimento prévio e são diversos os cursos disponíveis no formato online ou presencial, com diferentes cargas horárias e preços.
3. Tem grande potencial lucrativo no mercado da saúde mental visto que o investimento inicial é baixo se comparado aos possíveis ganhos.
4. Promete resultado rápido, característica que combina com a aceleração do mundo contemporâneo e, ainda, é ótimo para publicidade.
5. Fenômenos hipnóticos, como amnésias ou anestésias, despertam fascínio e curiosidade que podem ser usadas para o *marketing* do terapeuta.

Esse conjunto é um verdadeiro oásis para o terapeuta flexível e empreendedor que ver a saúde mental pela lente do mercado. O grande problema, entretanto, de atrelar o discurso empresarial ao terapêutico é o fortalecimento da “maldição” (Neubern, 2006) que cerca a hipnose. Quer dizer, na ânsia por resultados e curas rápidas, emergir o efeito contrário: uma prática banal e ineficaz, realizada por aventureiros que se dispõem a exibir nas redes sociais seus “super poderes”, bradando promessas que, por vezes, não são cumpridas, e enfraquecendo a credibilidades da prática e contribuindo para que ela seja lançada no ostracismo.

De acordo com Neubern (2018, p. 14) a propaganda que envolve hipnose “se refere, sobretudo, à deformação imposta sobre essa práxis por uma lógica de mercado selvagem muito comum nas sociedades contemporâneas, na qual o lucro, a fama e o sucesso escondem-se por trás de promessas ilusórias (...)”. Seu uso meramente instrumental e os diferentes cursos disponíveis tiram de cena aspectos importantes, como a *ética* que a envolve.

Pode-se utilizar como exemplo a relação entre brevidade da intervenção e a ética de mercado. Quanto mais rápido for o serviço oferecido mais pessoas serão possíveis de atender. Para finalidade das relações mercadológicas essa equação funciona, mas será que ela é salutar num processo em que é preciso entrar

3

<https://aps.saude.gov.br/ape/pics/praticasintegrativas>

no universo do outro, conhecer sua história, os recursos que dispõe e refletir sobre a heterogeneidade que compõe sua subjetividade para elaborar uma intervenção que seja coerente com a experiência da alteridade que nos chega?

A resposta é negativa se consideramos a hipnose de um ponto de vista complexo (Neubern, 2018) e não apenas como uma série de comandos diretos vindo de uma autoridade. Para primeira é necessário uma intervenção que seja pertinente e próxima das configurações subjetivas do sujeito, sendo necessária a construção de uma relação que facilite o protagonismo e a reflexividade. Nessa atitude, terapia breve não se confunde com terapia apressada, tratando-se de uma ética diferente dos interesses calculistas do mercado. Para este último é mais viável considerar a hipnose como uma técnica fria que lança frases no imperativo como “durma!” ou “você fará isso ou aquilo!” sem ao menos se questionar se o que é oferecido para pessoa atendida liga-se de algum modo com suas configurações subjetivas.

Outra relação é referente à propaganda que estabelece previamente um número de sessões de hipnose para sanar algum mal-estar. As chances de tal anúncio se ancorar no cálculo econômico do capitalismo neoliberal são grandes, pois, como se pode garantir resposta efetiva à demanda do outro se nem ao menos o considero na sua singularidade? Na lógica de mercado o sofrimento deixou de ser uma condição ontológica para ser um nicho de venda onde cada profissional escolhe o seu para se especializar. A ética do mercado, muitas vezes, leva os profissionais a extrapolar em suas promessas, visto que a mira está apontada para o lucro e não para as considerações importantes que virão no decorrer da caminhada. Afirmar, por exemplo, que a gagueira de alguém será curada em apenas uma sessão implica considerar também o contrário (a não cura) e os impactos disso na vida do indivíduo.

Outro ponto a destacar é a relação da ética de mercado com a técnica hipnótica. Muitas vezes, na ânsia pelos resultados prometidos, o uso equivocado da técnica pode se constituir numa verdadeira violência subjetiva. Como nos casos de regressão em que, de forma precipitada e irresponsável, o indivíduo é induzido a recordar lembranças dolorosas do seu passado que podem acarretar mais sofrimento do que efeitos terapêuticos. Para isso não acontecer é necessário a construção de um vínculo de confiança com o terapeuta e de uma atmosfera segura, bem como um exercício de investigação dos recursos próprios do sujeito para que ele se sinta protegido e preparado para tal imersão.

A construção desse tipo de relação não tem tempo previsto, nem número de sessões pré-determinadas; não é uma questão de quanto o dinheiro pode pagar para o procedimento ser mais rápido ou efetivo. Trata-se, portanto, de uma ética pautada no campo dos afetos e sentimentos, diferente da instrumentalidade fria das relações mercadológicas. É nessa linha de pensamento que Neubern (2018, p. 19) assevera que “a técnica não é morta. Por habitar o coração da clínica – a relação entre seus protagonistas – ela precisa de condições para dialogar com o contexto e a singularidade dessas pessoas, tornando-se elemento orgânico desse complexo processo”.

O grande problema é que a ética do mercado não encontra satisfação em procedimentos complexos. É preciso simplificar: dividir a dor no crédito e comprar a cura no *Pix*. O que importa é o resultado instantâneo e este precisa ser exposto. Não por acaso que uma das estratégias mais utilizadas para publicar os resultados é expor depoimentos de pessoas que passaram pelo tratamento bem sucedido. Aqui encontramos mais uma relação incômoda, a saber, quando a cura vira um troféu a ser exibido.

Para o hipnoterapeuta a cura do outro pode facilmente envaidecê-lo porque o instrumento de mediação é sua própria sugestão que conduz o indivíduo a um caminho de bem-estar. Compartilhar esses feitos é muito comum na ética de mercado devido à força de atração que isso gera. Entretanto, a técnica hipnótica é bem sucedida não por conta da “magia” do terapeuta, mas sim pela na evocação de recursos que são do sujeito

(Neubern, 2018). Desse modo, a técnica “visa, sobretudo, facilitar instrumentos para libertação das pessoas, a partir de si mesmas. Por isso, jamais deve permitir que as pessoas sejam transformadas em objetos de manuseio ou troféus da competência de um profissional” (Neubern, 2018, p. 19).

Por fim, a flexibilidade e a gana empreendedora exigida do trabalhador podem conduzir à transformação de valores em prol da maleabilidade ética nas relações, inclusive as terapêuticas. Como demonstra Sandel (2013), alguns médicos já vendem pacotes de exclusividade de atendimento para aqueles que podem pagar e outras pessoas vendem lugares na fila de atendimentos hospitalares. Esses sinais não indicam que vender um serviço seja errado, mas que novas formas de comercialização estão surgindo e, com isso, antigos valores estão sendo deixados de lado.

Tais transformações levam profissionais, como os terapeutas, a relativizarem suas práticas e a torná-las mais atraentes para o público sem, no entanto, questionarem-se sobre os impactos disso. Será que o sonho da agenda cheia deixa margem para a pergunta: o que vou fazer depois que a agenda estiver cheia? Resta tempo para o autocuidado ou para a reflexão? Ou minha prática se tornou algo automático semelhante à esteira de Ford que, ao invés de peças, passam pessoas para conserto?

Tratando-se de uma atividade não regulamentada como a hipnose que, cientificamente possui evidência de eficácia e implicações importantes para diversas experiências de sofrimento, como as dores crônicas (Jensen & Patterson, 2014), o cuidado ético e o constante questionamento sobre as atitudes e relações promovidas são igualmente importantes para a formação e perícia técnica do profissional. Não podemos esquecer que, do mesmo modo como o campo das terapias passa pelo crivo do mercado, o campo da educação não escapa a essa lógica. Não basta apenas conhecer as técnicas ou ter o certificado de conclusão de curso. É preciso, sobretudo, investigar quem são aqueles que se propõe a ensinar a hipnose, pois muitos instrutores se preocupam apenas no ensino da técnica para, com isso, realizar um curso conciso e vender mais.

Se a engrenagem da hipnose continuar a funcionar pela lógica de mercado, com o tempo ela poderá ser reconhecida socialmente como uma prática banal, sem especificidade e entregue ao charlatanismo. Nas palavras de Neubern (2018, p. 263) a hipnose é “abandonada ao uso vulgar de pessoas, grupos e instituições que repetem o espírito predatório do mercado contemporâneo, associando a *performance*, espetáculo e dinheiro”. Portanto, é necessário aos praticantes que pensem a respeito das transformações no mundo do trabalho e da lógica que o rege para que a hipnose se fortaleça como algo legítimo e confiável para sociedade, superando, assim, antigos preconceitos e fortalecendo a comunidade profissional com um fazer que possui valor e não apenas preço.

REFERÊNCIAS

- Araújo, M. R. M., & Morais, K. R. S. (2017). Precarização do trabalho e o processo de derrocada do trabalhador. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 20(1), 1-13. 10.11606/issn.1981-0490.v20i1p1-13
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z., & Leoncini, T. (2018). *Nascidos em tempos líquidos: transformações no terceiro milênio*. Zahar.
- Benneli, S. J. (2009). A cultura psicológica no mercado de bens de saúde mental contemporâneo. *Estudos de Psicologia*, 26(4), 515-536. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2009000400012>
- Bryant, R. A. (2008). Hypnosis and anxiety: early interventions. In: M. R. Nash, & A. J. Barnier. *The Oxford Handbook of Hypnosis Theory, Research and Practice*. Oxford University Press.
- Debórd, G. (2003). *Sociedade do espetáculo*. EbookBrasil.

- Dejours, C. (2012). *Trabalho vivo II: trabalho e emancipação*. Paralelo 15.
- Dunker, C., Paulon, C., Sanches, D., Lana, H., Lima, R. A., & Bazzo, R. (2021). Para uma arqueologia da psicologia neoliberal brasileira. In: V. Safatle; N. Silva Junior; C. Dunker (Orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento* (1ª ed., pp. 1-301). Autêntica.
- Enriquez, E. (2014). O trabalho, essência do homem? O que é o trabalho?. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 17(spe), 163-176. 10.11606/issn.1981-0490.v17ispe1p163-176
- Erickson, M. H. (1983). *Seminário didático com Milton Erickson*. Imago.
- Erickson, M. H., & Rossi, E. L. (1979). *Hypnoterapy, na exploratory case book*. Irvington Publishers.
- Figueiredo, P. H. (2005). *Mesmer, a ciência negada e os textos escondidos*. Lachâtre.
- Haley, J. (1991). *Terapia não-convencional: as técnicas psiquiátricas de Milton H. Erickson*. Summus.
- Han, B. C. (2017). *Sociedade do Cansaço*. Vozes.
- Jensen, M. P., & Patterson, D. R. (2014). Hypnotic approaches for chronic pain management: clinical implications of recent research findings. *The American psychologist*, 69(2), 167–177. <https://doi.org/10.1037/a0035644>.
- Jensen, M. P. & Patterson, D. R. (2014). Hypnotic approaches for chronic pain management: clinical implications of recent research findings. *The American psychologist*, 69(2), 167–177. <https://doi.org/10.1037/a0035644>
- Neubern, M. (2004). Histórias que (não) curam: sobre narrativas em hipnose clínica. *Psicologia Ciência e Profissão*, 24(3), 58-65. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000300008>
- Neubern, M. S. (2002). Milton H. Erickson e o cavalo de tróia: a terapia não convencional no cenário da crise dos paradigmas em psicologia clínica. *Psicol. Reflex. Crit.* 15(2), 363-372. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722002000200013>
- Neubern, M. S. (2006). Hipnose e Psicologia Clínica: Retomando a História Não Contada. *Psicol. Reflex. Crit.* 19(3), 346-354. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000300002>
- Neubern, M. S. (2007). Sobre a Condenação do Magnetismo Animal: Revisitando a História da Psicologia. *Psic.: Teor. e Pesq.*, 23(3), 347-356. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000300015>
- Neubern, M. S. (2008). Reflexões sobre o magnetismo animal: contribuições para revisão da história da psicologia. *Estud. psicol.*, 25(3), 439-448. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000300012>
- Neubern, M. S. (2012). Drama como proposta de compreensão da clínica de Milton Erickson. *Interação Psicol.*, 16(2), 307-315. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v16i2.25294>
- Neubern, M. S. (2018). *Hipnose, dores crônicas e complexidade: técnicas avançadas*. Editora Universidade de Brasília.
- Neubern, M. S. (2020). Hipnose, iconicidade e dores crônicas: considerações clínicas. *Psicologia em revista*, 26(3), 1000-1019. <https://doi.org/10.5752/P.16789563.2020v26n3p1000-1014>
- Neubern, M. S. (2021). Aspectos Alegóricos dos Contos de História na Hipnose de Erickson. *Semeiosis: semiótica e transdisciplinaridade em revista*, 9(2), 1-16. 10.53987/2178-5368-2021-12-09.2
- Neubern, M. S., & Nogueira, H. G. (2019). Iconicidade como alternativa de explicação para hipnose de Milton Erickson. *Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica*, 25(1), 62-72. 10.18065/RAG.2019v25.5
- Parecer CFM nº 2.172/97, de 18 de agosto de 1999. *Hipnose médica*. https://sistemas.cfm.org.br/normas/arquivos/pareceres/BR/1999/42_1999.pdf
- Pavón-Cuéllar, D. (2017). Subjetividad y psicología en el capitalismo neoliberal. *Psicología Política*, 17(40), 589-607. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v17n40/v17n40a11.pdf>
- Peyon, E. R. (2019). *Sobre o trabalhar contemporâneo: diálogos entre psicanálise e a psicodinâmica do trabalho*. Blucher.

- Resolução CFO nº 82, de 25 de setembro de 2008. *Reconhece e regulamenta o uso pelo cirurgião-dentista de práticas integrativas e complementares à saúde bucal*. <https://sistemas.cfo.org.br/visualizar/atos/RESOLU%C3%87%C3%83O/SEC/2008/82>
- Resolução CFP n.º 013, de 20 de dezembro de 2000. *Aprova e regulamenta o uso da Hipnose como recurso auxiliar de trabalho do Psicólogo*. https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2000/12/resolucao2000_13.pdf
- Resolução nº 380/10, de 03 de novembro de 2010. *Regulamenta o uso pelo Fisioterapeuta das Práticas Integrativas e Complementares de Saúde e dá outras providências*. <https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=3143>
- Resolução nº 491, de 20 de outubro de 2017. *Regulamenta o uso pelo terapeuta ocupacional das práticas integrativas e complementares de saúde, e dá outras providências*. <https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=8749>
- Safatle, V. (2021). A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: V. Safatle; N. Silva Junior; C. Dunker (Orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (1ª ed., pp. 1-301). Autêntica.
- Sánchez, P. M. R., Bring, K. R., Rodríguez, M. R., Gallardo, J. E. S., & Aragonese, Y. L. (2020). La anestesia hipnótica como único proceder para analgesia en exodoncia. Modelación estomatológica y neurofisiológica. *Multimed*, 24(6), 1312-1332. http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1028-48182020000601312&lng=es&tlng=
- Sandel, M. (2013). *O que o dinheiro não compra: os limites morais do mercado*. Civilização Brasileira.
- Sartre, J. P. (1970). *O existencialismo é um humanismo*. Les Éditions Nagel,
- Sennet, R. (1999). *A corrosão do caráter*. Record.